Boletim Paulista de Geografia

AGB SÃO PAULO DESDE 1934

Dossiê
Geografia e Marxismo

Entrevista com a Prof.ª Ana Fani Alessandri Carlos

Thell Victor de Andrade Rodrigues

Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo, SP, Brasil.
thellrodrigues@usp.br

Gabriel Souza Alves

Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo, SP, Brasil.
gabrielsouzaalves@usp.br

Karen Yasmin Rezende Santos

Universidade de São Paulo *(USP)*
São Paulo, SP, Brasil.
karenrezende@usp.br



Boletim Paulista de Geografia

Ano: 2026

N°: 116

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional.

Entrevista com a Profª. Ana Fani Alessandri Carlos

Resumo

Entrevista com a professora Ana Fani Alessandri Carlos, realizada em 19 de novembro de 2025, para o dossiê Geografia e Marxismo, do Boletim Paulista de Geografia (n. 116). A conversa aborda sua trajetória acadêmica, a influência do marxismo na geografia brasileira e suas contribuições para a compreensão da produção social do espaço, da cidade e das relações sociais sob o capitalismo.

Palavras-chave: Marxismo; Geografia crítica; produção do espaço.

Interview with Professor Ana Fani Alessandri Carlos

Abstract

Interview with Professor Ana Fani Alessandri Carlos, conducted on November 19, 2025, for the Geography and Marxism dossier of the Boletim Paulista de Geografia (no. 116). The conversation explores her academic trajectory, the influence of Marxism on Brazilian geography, and her contributions to understanding the social production of space, the city, and social relations under capitalism.

Keywords: Marxism; Critical Geography; Production of Space.

BLOCO 1 — Trajetória pessoal e o Colégio de Aplicação

[Thell Rodrigues] Professora, antes de começar, queria agradecer por você estar aqui. Para nós é impossível pensar a renovação da geografia no Brasil sem reconhecer o quanto o seu trabalho foi importante e continua sendo extremamente fundamental. A sua produção abriu caminhos, formou muita gente, levantou perguntas importantes e segue ajudando a pensar a geografia de um jeito vivo, conectado com a realidade e com a necessidade de transformar o mundo. É por isso que fizemos este convite para uma entrevista específica para o Dossiê de Geografia e Marxismo, para contar um pouco da sua história e das suas concepções sobre a geografia, pois quando pensamos a história do marxismo na geografia brasileira, vimos como isso se confundia com a sua própria trajetória.

A nossa conversa foi pensada em dois caminhos: um mais biográfico, para entender a sua inserção nos processos que transformaram e ainda transformam a geografia; e outro mais teórico, para compreender melhor a sua obra, especialmente nas relações que ela estabelece com o marxismo, que é o foco do dossiê em que publicamos esta entrevista. Então, para começar, eu gostaria que você contasse um pouco da sua trajetória, desde o Colégio de Aplicação, onde já havia leituras de Marx, passando pela graduação, pelo mestrado e pelo doutorado na USP, correlacionando essa trajetória com o marxismo e com o aparecimento da geografia.

[Ana Fani]: Essa pergunta é sobre uma vida inteira. É complicado sintetizar. Mas posso fazer da seguinte forma: ao longo da minha trajetória, dois momentos foram importantes: o Colégio de Aplicação da USP e o curso do Martins.

Vou começar pelo Colégio de Aplicação. Estudei num colégio de freiras no início da minha formação, depois fui para um colégio público, o Macedo Soares, na Barra Funda, porque sou da Barra Funda. Um grupo de amigas e eu resolvemos sair de lá e ir para a Aplicação, que era um colégio novo, um colégio de desafios. Prestei um concurso (porque a entrada era por concurso, por exame) e a primeira coisa que aconteceu nesse exame foi que eu tive que analisar uma música do Chico Buarque. Ora, já era uma novidade incrível, porque eu vinha de uma educação completamente formal. De repente, você vai fazer um exame e aparece uma música do Chico Buarque, que era "Roda Viva", do final dos anos 60, para você analisar. Ali já se desponta o que ia ser o Colégio de Aplicação, uma ruptura em relação a tudo que vinha antes.

O colégio também invertia a relação entre professor e aluno, que a gente sempre teve. No meu colégio anterior, o professor falava, você escutava e ia embora. E eu odiava a geografia, porque a minha professora obrigava a gente a decorar nome de rio, de capital. Tenho um trauma tão

grande disso que, até hoje, confundo as capitais do Nordeste. É uma vergonha, mas confundo. Os afluentes do Rio Amazonas, nem pensar. Enfim, você tem traumas na vida e a geografia para mim foi um trauma no começo.

Quando fui para o Colégio de Aplicação, vi um outro mundo. O aluno não estava mais numa cadeira ouvindo, pois era chamado o tempo todo a interagir com o professor. E tem um detalhe que ninguém acredita, mas vou insistir: sou extremamente tímida. Começar a falar na sala de aula, para mim, era uma coisa muito difícil. Chorei seis meses para aprender a falar em público. Minha mãe dizia que ia me tirar da escola, e eu respondia: "Não, mãe, pelo amor de Deus, eu vou superar." Mas eu estava com amigas. E a gente que veio juntas do Macedo Soares, conseguimos superar juntas esse momento.

Formamos um grupo muito forte na Aplicação. Na realidade, havia também um problema de classe. Nós éramos filhas de trabalhadores, e o Colégio de Aplicação tinha filhos de intelectuais e de grandes empresários. Foi o primeiro choque de classe social. A gente não fazia parte daquele grupo. Não havia um confronto aberto, mas havia algo meio invisível: "Vocês não fazem parte do nosso grupo. Vocês são filhos de trabalhadores." Meu pai era trabalhador mesmo, da Barra Funda. Então, o primeiro choque foi esse de falar publicamente. Esse ato de falar publicamente veio associado à classe social, em que a gente se sentiu fora do lugar. Mas com o tempo, os professores, que eram simplesmente fabulosos, colocavam todo mundo na mesma vibe, e a gente conseguiu tocar o Colégio Aplicação de uma maneira absolutamente fabulosa. Aquilo revolucionou minha cabeça, meu jeito de pensar, meu jeito de ser estudante.

Tinha também um lado muito interessante: tínhamos uma professora de teatro. A gente começou a fazer teatro, e era muito legal. Nunca tinha ido a um teatro antes na minha vida, a primeira vez foi como estudante do Aplicação.

Uma vez a gente leu um livro de teatro, “O Púcaro Búlgaro”, do autor Campos de Carvalho, e a gente ficou fascinado com esse livro, até que decidimos transformá-lo numa peça. Nós escrevemos uma peça de teatro em cima do livro “O Púcaro Búlgaro”, todos estudantes.

Era uma época em que a gente não só ia assistir peças, mas entrava em contato com atores. Lembro do Stênio Garcia. A gente ia lá, conversava com os atores. Enquanto o pessoal ia para a balada, a gente ia para o teatro, debatia com os atores. Não tive uma adolescência normal, de festas e bailes. Era um debate muito intelectualizado por conta do Aplicação e do mergulho no teatro.

Então escrevemos uma peça a partir de “O Púcaro Búlgaro”. Para montar a peça, tínhamos dois problemas: precisávamos de um diretor e dos direitos autorais. Duas ou três meninas do grupo foram ao Rio de Janeiro conversar com Campos de Carvalho, e ele nos cedeu os direitos.

Resolvido isso, ficava o diretor. Imaginem: nosso diretor foi simplesmente o Antônio Fagundes. Nós tínhamos 15, 16 anos, o Fagundes começando a carreira e aceitando esses trabalhos malucos. Todo sábado a gente passava o dia no salão de festas de uma amiga para montar a peça. Era uma festa. O colégio também resolveu fazer uma peça em paralelo, e chegamos a estreia-la num teatro da Lapa.

O Colégio de Aplicação me ensinou uma nova relação com o conhecimento, uma nova relação na sala de aula com o professor, um novo jeito de estudar e abrir para o mundo que não só aquele da escola. Mas, a partir da escola, pois sempre a partir da escola, porque você não faz nada sozinho, é sempre a partir da sua formação na escola que você consegue... E, no Colégio de Aplicação, que conheci o professor Paulo Pedro Perides, que foi professor também do Departamento de Geografia. Com ele, entendi que a geografia não era nada daquilo que eu achava. A gente lia vários autores, como Octávio Ianni, Bresser-Pereira, Josué de Castro. O colégio abria para o mundo. Eu descobri um outro mundo. Era outro mundo. Radicalmente um outro mundo. Uma nova forma de pensar esse novo mundo que a gente não tinha ideia em um colégio mais ou menos formal. O Colégio de Aplicação foi isso!

Também aprendi a trabalhar em grupo e descobri que o processo de conhecimento não se realiza de forma individual. O processo de conhecimento é um processo coletivo, de grupo. O grupo te estimula, te faz perguntas difíceis e você tem que se virar para responder, estimulado pelos professores. O professor de literatura abriu para nós a literatura, o professor de português nos abriu para o debate sobre a literatura. A gente começou a se aprofundar em leituras de romances mais potentes. No colégio anterior, eu já tinha o hábito da leitura, havia uma biblioteca simpática e a gente retirava livros. Mas no Aplicação, a gente não só lia os livros: debatia os livros. E aquilo colocava a literatura num outro plano, o plano do debate, de entender o sentido daquilo que se está lendo, de localizar num processo de conhecimento muito mais amplo, sempre num plano coletivo. O colégio de Aplicação foi absolutamente fabuloso.

[Thell Rodrigues - BPG]: E isso durante a ditadura também, não é?

[Ana Fani]: Sim. Nós estudávamos na fase mais pesada da ditadura. Em 68, por exemplo, a gente estudava e na porta da escola tinha três ou dois militares com metralhadora, como se nós, estudantes, fôssemos perigosos. Tinha censura na porta. Mas quando a porta se fechava, o Colégio de Aplicação era o exercício da liberdade. A Ditadura foi, como toda ditadura, predatória, de coações inúmeras. Mas era um momento dialético: você fechava a porta e tinha o exercício da liberdade; para lá da porta, a ditadura agia e os militares estavam ali na porta como ameaça. A gente entrava na Aplicação, via a ameaça lá fora, mas não ligava para ela porque depois de fechar a porta era tudo tão maravilhoso.

Claro que tinha uma bandeira brasileira na nossa sala de aula. E aquela bandeira era signo da repressão. E vou confessar: até hoje a bandeira brasileira me produz sentimentos contraditórios. Ela estava lá, ela foi imposta. No colégio anterior, havia uma formação de amor à pátria; a ditadura colocava na direção de que esse amor estava em crise, porque amar a pátria significava estar associado a uma ditadura ou aceitá-la. No Colégio de Aplicação, o sentimento de crítica à ditadura militar se acendeu, porque os professores eram fabulosos e a gente debatia lá dentro aquilo que existia lá fora.

É claro que, quando entrei na universidade nos anos 70, a vida em São Paulo era culturalmente muito rica. Você tinha debates nos teatros, você sentava na mesma mesa com presidentes da Folha de São Paulo ou do Estadão. Era uma noite viva de muita cultura e de muito debate cultural, apesar da ditadura militar. Quando o Lefebvre fala dos resíduos, eu vivi os resíduos. É claro que quando entrei na universidade (com tantos professores afastados, tanta gente que desaparecia, tantas mortes), aquilo pesava bastante. No colégio de Aplicação, isso chegava de forma um pouco mais suave; não estivemos na Batalha da Maria Antônia[1] porque não tínhamos idade para isso, mas as informações todas chegavam, e era a nossa idade, um jeito diferente de perceber as coisas.

O Colégio de Aplicação abriu para tudo, e os professores foram fantásticos. Depois, fui encontrar o professor Paulo Pedro Perides dando aula no Departamento de Geografia. Foi exclusivamente por causa dele que fui fazer geografia. Fiquei fascinada com a Geografia! E também fiquei fascinada com literatura. Mas gosto mais de geografia, embora goste de literatura. Pensei: vou fazer as duas coisas. Como eu sou geminiana, é muito difícil decidir entre duas coisas. A solução foi fazer um curso de literatura no Circolo Italiano e outro na Aliança Francesa, conseguindo assim fazer a literatura e me dedicar profundamente à geografia.

Essa relação com a literatura acabou permeando meu trabalho na geografia. Trabalho muito com literatura, já escrevi e desenvolvi um projeto no CNPq sobre o tema, porque a literatura fala de um jeito diferente aquilo que um texto científico tornaria mais duro. Além disso, a literatura, do meu ponto de vista, fala sobre o futuro — essa é a diferença entre um texto de literatura e um texto científico, se é que eu posso falar desse jeito. Ela te abre para o futuro. A literatura contempla o futuro. Embora, do ponto de vista do marxismo, todo o processo de conhecimento contenha uma utopia, acho que na literatura isso fica mais evidente, ou, pelo manos naquele momento para mim ficava mais evidente, porque ela é *poiética*. Quer dizer, o jeito como ela te mobiliza e chama para a sensibilidade, apela para a criatividade que é inata no

[1] A batalha da Maria Antônia foi um confronto entre estudantes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP) e da Universidade Presbiteriana Mackenzie ocorrido em 2 de outubro de 1968.

ser humano, e que a ditadura militar, os regimes totalitários e o próprio sistema capitalista acabam te impedindo de pensar *poiéticamente*, de pensar, que o ser humano não é apenas um trabalhador, ele é um ser *poiético*, ele tem com o mundo uma relação criativa. E todo o processo de alienação surge, do meu ponto de vista, exatamente quando essa possibilidade de criação é cortada, quando o ser humano é impedido de ser criativo pelo próprio processo de reprodução capitalista, que requer solapar o sentido de criatividade que contempla a vida humana. Então, essa minha relação com a literatura e a geografia vem dessa possibilidade, você entra no livro.

Lembro de uma tarde, ainda no Colégio de Aplicação, lendo um livro do Ivan Illich que se passava num período muito frio. Estava tão envolvida com o livro que minha mãe entrou no quarto e perguntou se eu não ia sair. Eu respondi: "Não, está muito frio lá fora." Ela ficou surpresa: "Como assim, está muito frio?" Era verão. Esse momento da minha adolescência foi quando percebi o papel da leitura em toda a sua plenitude, quando me perdi até sobre a temperatura que estava fazendo lá fora, sobre o que estava por trás.

BLOCO 2 — Da graduação em Geografia ao curso do Martins

[Gabriel Alves - BPG] Fani, você comenta desse vislumbre que a literatura (e pelo que vejo também o teatro, a arte no sentido mais amplo) te instiga e te coloca em contato com um futuro mais aberto. Porém, na entrevista com o Scarim[2], você menciona que ao ingressar no curso de geografia, já se aproximando do momento em que vai encontrar o grupo do Martins, como esse processo entra em choque com novas diferenças de classe, não só as do colégio, mas as da universidade?

[Thell Rodrigues - BPG] E com o rigor que é exigido, o rigor da ciência, dos trabalhos, que também trava um pouco.

[Ana Fani]: Então, sobre aquele período do Colégio de Aplicação, que foi um dos mais importantes da minha vida, aconteceu isso e eu decidi que iria fazer geografia. A minha vontade de fazer geografia era tão grande que quando prestei vestibular, nas oito opções disponíveis, cravei uma única — geografia! Só geografia.

[Thell Rodrigues - BPG]: Ou é geografia, ou não faço mais nada.

[Ana Fani]: Exatamente! Primeira e única opção.

[2] SCARIM, Paulo Cesar. Coetâneos da Crítica: uma contribuição ao estudo do movimento de renovação da geografia brasileira. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Acesso em: 01 set. 2026.

O período do vestibular foi horrível, acho que foi o pior período da minha vida. A gente resolveu fazer o Equipe, que na época era o grande cursinho. Mas qual era a diferença do Colégio de Aplicação? A possibilidade de um pensamento crítico. Quando fomos para o Equipe, não nos demos bem porque era preparação para vestibular, e a gente não queria aquilo. Então saímos do Equipe e resolvemos criar o nosso próprio grupo de estudos, nós quatro ou cinco, e estudamos sozinhas. Fomos e entramos todas as cinco.

[Gabriel Alves - BPG]: Você e as suas amigas? Você pode citá-las?

[Ana Fani]: Claro. A Tânia Bondezan, que hoje é atriz; a Luciane Levy, que hoje mora nos Estados Unidos e com quem mantenho contato; a Silmara Poli, que fez Sociologia; a Amélia Luísa Damiani; e eu. As cinco. Três entramos na Geografia, a Lu entrou na Psicologia e a Silmara na Sociologia. E a gente mantém essa amizade até hoje.

Quando entrei na Geografia, gente, odiei aquilo. Comparado com o Colégio de Aplicação, não estava gostando. Odiei porque eu sou muito mercurial, não tem meios termos comigo. O primeiro impacto com a Geografia não foi muito legal. A começar com a aula de abertura que foi ótima e foi feita pelo professor José Pereira de Queiroz Neto, que eu sempre amei. A aula foi maravilhosa. Mas aí uma aluna olhou para ele (ele era alto, bonitão) e perguntou: "Professor, o senhor já pensou em fumar cachimbo?". Achei tão ridículo. Pensei: esse ambiente não é meu. Esses alunos bobos, não quero esse papo. Sempre fui profundamente radical, eu queria alguma coisa nova.

Às vezes, as primeiras disciplinas da Geografia são muito difíceis, muito duras e não abrem muita margem. Claro, eu entrei em um momento em que a geografia, não posso dizer que era completamente tradicional, porque o Departamento de Geografia sempre teve uma amplitude maior. Então, enquanto tinha a quantitativa de um lado e a Geografia tradicional e positivista do outro, no departamento se pensava numa Geografia ativa, crítica, que entrava pelo viés da Geografia ativa. Muitos professores da área humana muito envolvidos com essa perspectiva, que não abordava Marx diretamente, mas trazia o pensamento dele nessa construção de uma nova Geografia Ativa. Então a Geografia positivista, que tinha, claro, no Departamento, outras visões, colocava um confronto entre pensar uma Geografia de conteúdo social e uma Geografia positivista que trabalhava com fenômenos, com modelos, com conceitos muito estruturados e fechados.

A geografia no começo não me fascinava. Eu pensava que eu ia morrer de paixão assim que eu pisasse na geografia. Mas aí fui fazer um curso de Geologia com o professor Sérgio Stanislau do Amaral, que é um grande nome da Geologia brasileira, e me apaixonei por ele. O professor Sérgio era absolutamente fabuloso. Uma pessoa gentil, extremamente delicada, que fascinava.

Ele falava de um jeito que nos fascinava, nos dava uma atenção fabulosa e ele foi nos cativando e explicando para a gente a geologia. E tudo o que eu aprendi na geologia era novo. Saí da Geologia geral, fui para a Petrologia, fui para outras disciplinas. O professor Sérgio percebeu que eu e a Tânia estávamos entusiasmadas e nos convidou para passar fins de semana na fazenda da família em Mumbuca, e essa fazendo tinha um quadro da Tarsila do Amaral, pois o Sérgio Estanislau do Amaral é da família dela.

Era um ambiente muito gostoso, tinham outros amigos e alunos do professor Sérgio. Era um dos ambientes mais aconchegantes que encontrei na minha vida. Na hora do jantar, todos os alunos, banhados e arrumados, e de repente chegava a família toda em pijama. Uma coisa de uma intimidade fabulosa. À noite, fazíamos serenata na janela do quarto dele. Durante o dia, o Sérgio, que gostava de estilingue, colocava um grande toldo no chão com lâmpadas e a gente brincava, quebrando as lâmpadas. Era lúdico, maravilhoso. Ficamos com o Sérgio praticamente o primeiro ano inteiro da faculdade. Aí a Geografia começou a ficar interessante para a gente.

O professor Moacyr Marques também foi marcante, os professores percebem quando tem um grupo que é interessado. Ele percebeu que a gente estava interessada no que estava falando e disse: "Estou montando um grupo para discutir teoria e método, vamos ler um texto sobre teoria do conhecimento. Se vocês quiserem participar..." E a gente, jovenzinhas, quisemos participar. Passamos o primeiro ano junto com o Sérgio ao lado, e com o Moacyr discutindo esse livro fora das aulas. Ao longo de toda a minha vida, mantive conversas com o Moacyr, ele sempre me indicou autores, foi sempre uma pessoa marcante na minha formação e, depois de professora, sempre mantive conversas, ele sempre me indicava leituras e autores, sempre foi bastante interessante.

Quando fui efetivamente para a geografia, fui com paixão. Os textos da época eram em francês, então a gente falava francês. Eu, a Tânia e a Amélia estudávamos na Aliança Francesa juntas, então traduzíamos os textos para quem não sabia, embora muita gente soubesse, porque a geografia é francesa, a USP foi fundada pela missão francesa. Os professores liam os franceses, recebíamos franceses aqui. Eu conheci o Monbeig. Tinha muito seminário, as aulas tinham quatro horas de duração. O que eu acho importante no Departamento de Geografia é que as aulas têm quatro horas de duração, não dá para você construir uma reflexão no tempo rápido de uma ou duas horas. Nessas horas, na primeira parte, uma aula expositiva; na segunda, discussão de texto. Um problema que eu vejo hoje é que os alunos não entendem, eles vão para a escola sem ler e aí esse trabalho não se realiza. Isso funcionava porque a gente lia os textos e chegava na sala de aula para debater ferozmente, como fazíamos no Aplicação. Os professores estimulavam, havia muito debate, principalmente na área de geografia humana, as salas de aula eram muito agitadas. Tinham brigas, inclusive.

Lembro de uma vez, na aula de geografia industrial do [Waldir] Mantovani, um grupo apresentou um trabalho e eu era do noturno no diurno era a Léa Goldenstein. Olhei e disse: "Vocês não apresentaram um trabalho sobre Organização do Espaço Brasileiro, apresentaram um trabalho sobre localização industrial." Deu uma grande confusão, porque parte dos alunos achou que eu queria contrapô-los pessoalmente. Sabe aquela coisa de achar que a crítica acadêmica não existe, o que existe é crítica pessoal ! A ponto de no intervalo, como eu e Amélia somos parecidas, um dos caras que apresentou o seminário me confundiu com a Amélia, pegou o braço dela e torceu, dizendo: "Você prejudicou a nossa nota." E ela respondeu: "Não fui eu, foi a Fani!"

Isso, infelizmente, só piorou com o tempo. No Aplicação, aprendi que todo o movimento do processo do pensamento se realiza como movimento da crítica ao conhecimento, e só essa Lembro-me de quando comentei num seminário sobre localização industrial, alertando que a apresentação não abordava a Organização do Espaço Brasileiro. Isso gerou um mal-entendido imenso: os alunos tomaram o questionamento acadêmico como uma afronta pessoal. A confusão foi tamanha que, no intervalo, um integrante do grupo confundiu a Amélia comigo — por sermos parecidas — e chegou a segurar o braço dela com força, reclamando que havíamos prejudicado a nota deles, ao passo que ela precisou esclarecer: "Não fui eu, foi a Fani!".

Com o passar dos anos, essa resistência ao debate só se agravou. No Colégio de Aplicação, aprendi que a evolução do pensamento decorre do exercício constante da crítica sobre o saber acumulado, pois somente através dela se constrói uma reflexão capaz de apreender verdadeiramente um problema. Hoje, contudo, esse entendimento escasseia. Qualquer divergência é interpretada no plano pessoal. Certa vez, após uma discussão acalorada num conselho departamental, fui presentear o colega envolvido com um livro no dia seguinte; ele se mostrou perplexo, pois supunha que o debate intelectual nos transformasse automaticamente em inimigos.

Atualmente, até no meio universitário, a crítica — enquanto dinâmica própria do pensamento — é reduzida a um desentendimento incontornável que coloca os interlocutores em atitude de confronto. Há uma rejeição velada da crítica como fundamentação filosófica. Como bem assinala Marilena Chauí, a atividade de pensar exige radicalidade e crítica. Essa dinâmica impulsiona o conhecimento em geral, para além da tradição marxista: o motor do conhecimento é a crítica.

Ninguém concebe uma formulação teórica a partir do nada; toda teoria se ergue sobre o saber previamente elaborado. Sendo o conhecimento um processo cumulativo, o exame crítico

torna-se indispensável, pois é pelo diálogo rigoroso com outros autores que articulamos novas reflexões.

Você não entra numa sala e diz "hoje vou criar uma teoria". Toda teoria é criada em cima do que já foi criado. Todo conhecimento é um processo cumulativo. E é porque é cumulativo que a crítica se faz absolutamente fundamental, porque eu construo dialogando com o autor. Vocês que fazem teses constroem o raciocínio de vocês dialogando com autores, não vem do nada. Ao longo de toda a minha vida, tive problemas com a crítica. Porque como chorei seis meses para aprender a falar, agora falo demais. Levanto a mão, faço perguntas.

Falando do professor José Pereira de Queiroz Neto: como já tinha estudado muito geologia, fui para o curso de pedologia e amei. Era amiga da namorada do Queiroz, que era colega de faculdade, então frequentava a casa dela e tinha contato com ele, com o pessoal da Geografia Física e com professores do exterior, principalmente da França, que vinham ao departamento. Ter estado ao lado do Queiroz foi muito importante para a minha formação. E aí eu cheguei para o Queiroz e disse: "Você me aceita como aluna de iniciação científica?" Ele disse que não. Como não? Eu sou boa aluna." Foi tudo que consegui falar. Ele respondeu: "Você é boa aluna. Mas quem vem da Aplicação tem que fazer geografia humana, porque vocês estão formadas para isso. Vá para a geografia humana." Saí odiando o Queiroz, indignada, porque eu frequentava a geologia, então eu sabia muita coisa de geografia física. Mas acho que ele tinha razão.

O curso do Queiroz sobre recursos naturais, que era uma das últimas disciplinas do curso e foi uma das disciplinas mais importantes do nosso currículo. Porque ele trazia os temas para o debate e a sala se matava de tanto discutir. Todo mundo ia preparado para o debate. O Queiroz, com aqueles quase "dois metros de altura¨ tinha uma postura muito estimulante. Foi uma disciplina da maior importância. Chegava à aula com vários orientandos, que ajudavam a construir o debate coletivamente.Era um momento de fechamento do curso, pois a gente não tinha TGI (Trabalho de Graduação Individual), então era aquele espaço de síntese e debate.

Mas tarde - já professora- nos debates realizados nas plenárias sobre mudanças no currículo, sempre colocávamos em tela a importância dessa disciplina para a formação do geógrafo do modo em que tínhamos aprendido com o professor Queiroz. O curso do Nelson de la Corte também era precioso. Ele dava uma aula sobre os Estados Unidos, mas a metodologia por trás era o que impressionava. A gente ficava com o braço duro de tanto anotar, porque ele falava sem parar e de forma belíssima, quase como se escreve e a gente queria registrar tudo.

Também tinha a aula de um professor que a gente quase não assistia às aulas, um assinava para o outro. Na condição de professora eu não deveria falar isso, mas eu também fui estudante, a

minha vida também foi essa. O professor, quando ele respeita o aluno, ele também respeita o professor. É o mínimo de respeito, né?

Tinha também, e isso era interessante, com a professora Maria Cecília França, uma disciplina que era só pesquisa, acho que se chamava "Iniciação à Pesquisa". E o que acontecia: como havia muitos alunos e muitos professores com grupos de trabalho, acabei ficando com ela. A Maria Cecília França tinha uma tradição francesa, era maravilhosa; ela estudava religião e propôs: "Vamos estudar Bom Jesus de Pirapora." Foi fantástico. Ela nos ensinou como se faz um projeto de pesquisa, como se faz trabalho de campo e como se analisa o material. Ficamos quase um ano estudando Pirapora do Bom Jesus. Indo para lá, indo na festa, fazendo pesquisa. Foi fascinante!

O que acontecia era que nós tínhamos sempre um grupo de trabalho que se reunia fora da aula. Uma das meninas do grupo era casada e tinha casa própria, então toda tarde a gente se reunia lá para estudar. Era um privilégio, claro, porque a pobreza naquele momento era um pouco diferente, você conseguia estudar sem precisar trabalhar o tempo todo. A gente chegava à sala de aula sempre muito motivada e falava muito, eram momentos de muito debate. Aquela primeira impressão ruim do início do curso foi se transformando numa coisa maravilhosa.

Quando terminei a graduação, pensei: "Que droga esse espaço! Ouvi falar quatro anos em espaço e acho que não sei o que é o espaço." Fui chorar na sala do professor Petrone e disse: "Professor Petrone, eu passei quatro anos aqui e ainda não entendi direito o que é o espaço." Ele respondeu: "Fique tranquila. Na pós-graduação, com outras leituras, você vai conseguir entender." Havia uma insatisfação ao terminar o curso, e essa insatisfação foi compartilhada com a Sandra Lencioni.

Fizemos o curso de recursos naturais juntas, saímos com os mesmos problemas, a gente falou “Bom, a gente não sabe nada”. E então nós duas sentamos e falamos: vamos ler todos os livros indicados no curso como clássicos da geografia, que a gente não leu. Pegamos livros da biblioteca e lemos Brunhes, Sorre, La Blache, Ratzel, Cholley dentre outros. Lemos tudo, eu e a Sandra juntas, debatemos, e a partir daí a gente começou a se sentir efetivamente formadas em Geografia. Porque você não pode achar que só dentro do curso você vai se formar. O curso te forma uma parte e te indica outras, mas milagre ele não faz, se você não se ajuda. Esse jeito de lermos tudo e trabalharmos juntas aprofundou nossa formação.

Em 1974, ao fim do curso, nós entramos na pós-graduação juntas. E estávamos preocupadas com o método. O raio do método que era o problema... A gente precisava entender o que era esse método e eu, particularmente, tentava entender o que é esse “espaço”. Nas disciplinas da pós-graduação, havia o curso do Martins sobre o campo. E esse é um dos grandes aspectos

positivos de estar no lugar certo. E aqui é preciso dizer: estar na FFLCH faz toda a diferença. Fazer geografia na FFLCH é outro mundo em relação a fazer na Geociências, porque a FFLCH é o lugar do conhecimento das humanidades, do conhecimento sobre o homem, sobre a civilização, sobre a condição humana. Havia um trâmite na FFLCH que permite que a sua formação seja a mais profunda possível, porque uma disciplina não nega a outra, todas elas se articulam de modo a que você compreenda.

Um detalhe importante da minha formação que esqueci de mencionar: fiz um estágio na Economia com o Mercadante, onde havia uma pessoa fundamental, chamado Luís Augusto Ablas. O Ablas era o economista que não parecia economista; enquanto os outros eram todos da escola econométrica, ele tinha uma outra postura. Porque eu também estudei na economia e na pós-graduação eu também voltei para fazer uma disciplina lá. E o Juarez, que trabalhava com o Ablas, chegou para mim e para a Tânia e alou: "O Ablas chegou agora da França, andou estudando geografia e acha que o geógrafo serve para alguma coisa. Eu não entendo. Mas ele quis contratar e vocês estão aqui" E foi assim que entramos lá. Tinha também o Cássio Rolim, muito estimulante. O Ablas e o Cássio nos adotaram, fizeram perguntas, - tanto é que o Ablas foi fazer doutorado em Geografia - e conversaram com a gente sobre o papel da geografia. O estágio na economia foi para aprender coisas, de debater com um economista. Diga-se de passagem, meu marido é economista, eu conheci ele lá. Ele fazia pós-graduação em economia urbana e tinha ligação com o Ablas.

Na Economia, diferente da Geografia, os alunos de pós-graduação tinham uma biblioteca e uma bibliotecária só para eles, com dinheiro do BID. Como eu namorava um deles, entrava e pegava livros, como aluna de graduação e esse foi um momento interessante de entender economia para o que viria depois.

Em 1975, resolvi fazer o curso do Martins. Falei “bom, não estou interessada em Geografia Agrária”. Um parênteses: eu fiz Geografia Agrária com a Palheta e eu me lembro que um dia eu estava no campo e eu fui aplicar o questionário. Eu tive tanta dificuldade com aquele questionário que eu falei “olha, eu não entendo muito bem do campo, meu negócio é a cidade”. Nasci e cresci na Barra Funda, vivi lá até os 21 anos. As minhas questões se referiam à metrópole, minha vivência não era no campo, era na cidade. As indagações sobre a cidade eram muito vivas na minha cabeça. A gente sempre tem deficiências, a minha naquele momento, era não saber muito sobre o campo. E eu queria trabalhar e fazer um projeto na minha pós-graduação sobre a cidade.

Então, na maior maluquice do mundo, resolvi estudar o espaço. Parece arrogância, mas era pura ignorância, minha dissertação de mestrado chama-se “Reflexões sobre o Espaço Geográfico”.

BLOCO 3 — O debate sobre o espaço e as categorias de análise

[Thell Rodrigues - BPG]: Só um parêntese sobre essa passagem da graduação para o mestrado. Fiquei curioso com algo que aparece na introdução da sua dissertação: esse interesse em discutir o espaço. A sensação que a gente tem é que não se debatia tanto o espaço nos anos 60 e 70, mas pelo seu relato vejo o contrário: essas discussões apareciam, pelo menos na geografia da USP. Como que aparecem essas categorias ali na graduação? O texto do Milton Santos, por exemplo, parece que não estava em debate nos anos 70, mas no relato da sua dissertação vi o quanto essa questão era urgente. E também como apareciam ali a discussão do território e outras categorias que ganharam mais força em diante.

[Ana Fani]: Exato. Na graduação, as categorias eram trazidas pela geografia francesa. A geografia francesa trabalhava com população, categoria de análise importante, e com organização do espaço, outra categoria importante. Lembra a história que contei do Mantovani? Havia um debate sobre "organização" era o *aménagement du territoire* em francês. Traduzíamos por "organização do espaço". Significava dizer que na geografia da USP, naquele momento, já havia um movimento que caminhava do espaço como localização das atividades para o espaço organizado pelo homem.

Eram importantes, nesse momento, os livros de Pierre George. O Pierre George tinha um livro chamado Geografia e Sociologia que começava a tirar a geografia da simples distribuição de atividades e pessoas no território, para pensar que existe uma organização, que essa organização é social, e que isso faz toda a diferença. Para esses autores, Brunhes, Sorre, Lablache, Cholley, Pierre George, Guglielmo, Lacoste: a geografia é uma geografia humana, não uma geografia física. A natureza apareceria como um substrato a partir do qual se constrói um mundo social, não era muito claro, mas era isso que acontecia.

Havia um debate para entender esse homem. Dollfus, na época, escreveu um texto sobre o espaço, o que é o espaço. Pierre George também trabalhou com esse debate. Então o espaço começava a aparecer como categoria de análise potente, mas ainda não havia e, acho que hoje inclusive, não sei se nos cursos existe um debate tão central sobre a produção do espaço. O território, do meu ponto de vista, carrega uma forte noção política, vinda de Ratzel que discutíamos, aparecia o tempo todo junto com a noção de planejamento e do *aménagement du territoire*. Debatia-se naquele momento o planejamento desse espaço, como essa organização era atravessada pelo debate sobre planejamento. Isso aparecia, por exemplo, nos cursos de regionalização. Como já citei, no curso do Nelson de la Corte, o que a gente amava não era a geografia dos Estados Unidos, era como ele lidava, o método que ele utilizava para construir a tal da geografia americana. A gente não estava muito interessado na América. A minha geração,

que viveu a ditadura militar, tinha um certo preconceito contra os Estados Unidos, algo que foi um pouco natural ao longo da nossa história de formação.

Tinha a história da população e do território que atravessava o espaço, mas nada muito claro na nossa cabeça. Era muito frágil o debate sobre esse espaço. De qualquer forma, o debate sobre a categoria de localização era absolutamente central naquele momento e continua sendo até hoje. Outro debate interessante era sobre a paisagem e sobre o famoso debate sobre gênero de vida. Esse debate, do meu ponto de vista, é superado na obra do Sorre: quando ele começa a focar o processo de trabalho, superando todo o debate sobre o gênero de vida. É uma leitura minha.

Eu e a Sandra saímos juntas preocupadas com a tal da geografia. A preocupação dela era mais difusa, a minha era mais obsessiva. É uma obsessão que não passou. Eu passei a minha vida discutindo o espaço. Quando fomos para a pós-graduação, em 1976, no primeiro ano começamos a ler toda aquela obra dos chamados geógrafos franceses, lemos tudo. E aí comecei a construir um projeto. Naquele momento você não entrava com projeto de pesquisa pronto, ele se construía lá. Minha orientadora era alguém que não tinha nada de marxista, era o negativo do marxismo, alguém que fazia uma geografia conservadora, mas de incrível qualidade, sobre o urbano, sobre São Paulo. Uma geografia do Monbeig, porque ele superava aquela geografia estruturalista, no sentido em que a análise que ele fazia, as grandes monografias, contemplavam já o espaço e a organização do espaço. O Monbeig vem com uma produção acadêmica fabulosa. A presença do Monbeig na geografia da USP é importante. E a minha orientadora, a professora Nice Lecocq Müller, era orientanda do Monbeig. Como fui parar nas mãos da Nice Lecocq Müller? É coisa do destino. Eu me inscrevi na pós-graduação e a única pessoa que tinha vaga era a Wanda Navarro que era uma pessoa super interessante.

E aí outro parênteses, porque a memória não é linear. Eu fiz dois estágios durante a graduação. Um deles, na Secretaria da Educação, com a Rosa Ester Rossini, que foi uma pessoa importante na nossa formação, porque ela nos instigou demais a refletir. Ela nos chamou, eu e Amélia, com a Tânia, boas alunas, para participar da elaboração de um Atlas. Imaginem: participei de um atlas ainda na graduação. Vocês estão descobrindo que eu comecei na Geografia Física, passei pela cartografia... Tenho uma formação bem ampla. Fomos fazer mapas. E nesse momento, a Rosa Ester disse assim: “Ah, nós precisamos de uma consultoria, alguém para debater o espaço com a gente”. Porque aquele era um momento da Geografia Quantitativa, no Rio de Janeiro, Rio Claro e no IBGE. A USP passou ao largo, fez uma crítica à Geografia Quantitativa. E nesse trabalho, a Rosa Ester convidou a Nice Lecocq Müller, especialista em geografia urbana, para ser consultora. A gente fazia os mapas e depois sentava para discutir a geografia. Tínhamos aulas de geografia com a Nice Lecocq Müller e com a Rosa Ester. Aquele estágio foi onde encontramos a possibilidade de reunião e de discutir a geografia. Então a Nice já me conhecia.



No dia em que eu subo a rampa - essas rampas são famosas e fazem parte da nossa vida - para fazer meu exame para a pós-graduação, eu ia fazer minha entrevista com a professora Wanda e encontrei a Nice Lecocq Müller. Ela era aposentada, mas cruzou comigo e perguntou o que eu estava fazendo ali. Expliquei que queria trabalhar com Urbana, mas estava indo para a Wanda, que trabalhava com o agrário, porque ela tinha vaga e eu queria começar a pós-graduação de qualquer jeito. No que entrei na sala, a Wanda saiu para tomar um café, voltou e disse: "Encontrei a Nice Lecocq Müller no café, e ela disse para aceitar você que ela vai te orientar". Foi o destino. Uma pessoa que estava no grupo dos grandes conservadores da faculdade me orientando, o que mostra que ela tinha uma cabeça ótima, né?

Entrei com a Nice Lecocq Müller e ela não orientava só a mim, pasmem, ela orientava o Flávio Villaça. Enquanto eu fazia o mestrado, o Flávio fazia o doutorado com a mesma orientadora. A gente se encontrava o tempo todo, debatia muito, ele queria saber da geografia, fazia milhões de perguntas.

Mas a Nice estava aposentada e não frequentava o departamento com regularidade, era um pouco diferente, não tinha muito colóquio. E eu estava estudando com a Sandra. E aí: vou fazer o curso do Martins, vou ter que entender Agrária só porque quero entender como ele trabalha. Aí de novo o destino: chego lá, me sento e Martins perguntou por que as pessoas estavam lá. E eu timidamente, como geógrafa, sabem como é, respondi que estava interessada no debate sobre método, porque meu trabalho vai ser sobre o urbano.

No final, depois que todos falaram, ele disse: "Quero dizer a vocês que não vai ser um curso sobre sociologia do mundo rural. Este ano minha proposta é ler Marx. Os que estiverem interessados na leitura do Marx sintam-se bem recebidos aqui." Não tinha o que dizer: era Marx. E completou: "Esse curso não vai acabar este ano, porque vamos ler o Marx. Este semestre vamos ler o livro 1 d'O Capital." Lemos o Capital duas vezes com o Martins. Na primeira vez, lemos numa edição de três volumes publicado pela editora Fondo de Cultura Económica. Lemos o volume 1 no primeiro ano, o 2 e o 3 nos seguintes. Eu e a Sandra já estávamos lendo todos os clássicos da geografia. Agora, começávamos a ler Marx.

O que o Marx nos apresenta? O primeiro capítulo da obra é a mercadoria. Para destrinchar o que é a mercadoria, ele vai discutir o que é produção. A categoria de produção é absolutamente central na obra do Marx porque é dela que ele vai desdobrar a categoria de reprodução, ligada ao próprio desenvolvimento do capitalismo como modo de produção.

O que acontece para nós da geografia? Para mim e para a Sandra, a noção de produção mudou tudo o que a gente estava estudando em relação aos clássicos. Há um movimento de passagem,

por exemplo, da ideia de geografia da população para a ideia de sociedade. Marx nos ajudou a questionar a Geografia da População.

Quando a gente pensa em população, a primeira coisa que vem a cabeça é que ela é um número, uma massa. Segundo, divide-se em gêneros. Depois, constrói-se uma pirâmide de idades. E daí vai se desdobrando, a quantidade, os modelos, onde tem mais gente, onde tem menos. Mas nós estamos em um plano fenomênico já com um princípio de análise. Que é analisar uma pirâmide de idade, analisar um mapa representando a distribuição da população. Quer dizer, que já tecemos uma princípio de análise fugindo a mera superficialidade. A geografia da população traz desdobramentos de conteúdo. Mas, qual era o debate? Esse conteúdo era insuficiente. Por quê? Porque a gente quer explicar o mundo que a gente vive. Mais do que tudo, queremos explicar o Brasil a partir do modo de pensar São Paulo.

Então pensávamos: a análise da população é insuficiente. Por exemplo: o que explica dizer que São Paulo tem 20 milhões de habitantes. Há um processo de acumulação que surge com a agricultura do café, lugar de concentração do capital, gerando, em termos grosseiros, a possibilidade de São Paulo ser o lugar da indústria a partir dessa acumulação. Você tem o dinheiro acumulado do café, um porto de exportação e importação, uma população de migrantes que fornece mão de obra qualificada. Você tem toda uma realidade que é muito mais complexa - e que eu estou tentando simplificar de forma grosseira - supera a compreensão de concentração de habitantes. Ou ainda a constatação de que São Paulo é uma metrópole pois o tecido urbano se desdobra por vários quilômetros.É preciso ir além destas constatações, que todavia, não são desprezíveis.

[Thell Rodrigues]: E que não exclui a noção de localização, mas não a coloca como finalidade.

[Ana Fani]: Então, e que é importante porque, quando eu falo de porto, eu estou falando de localização. Quando estou falando de concentração de capital em São Paulo, que é o centro de uma região produtora de café, a população não é mais população. Há um movimento de passagem do conceito de população para o conceito de sociedade. Escrevi isso, inclusive, num texto publicado na Terra Livre, da AGB.

A geografia também estudou a natureza. E aí construo uma teoria que só eu trabalho e que ninguém nunca tentou enfrentar, nem para dizer que é bobagem. Essa teoria diz o seguinte: o processo de produção se refere ao fato de que o homem se relaciona com a natureza através dos instrumentos de trabalho, através do seu conhecimento e das suas técnicas, transformando a natureza em mundo social. Portanto, o ato de produção do espaço é um ato de produção da vida. O processo de produção do espaço é um processo imanente à produção da vida. Quando

você trabalha com a ideia de que o espaço é produzido, o que é a cidade? Para o Mumford, por exemplo, no livro A Cidade na História, diz que as duas grandes obras da humanidade são a cidade e a linguagem. Você descobre com os historiadores que a cidade é uma obra civilizatória. A cidade é essa criação da história, que se constitui a partir da natureza, uma natureza como condição de produção da cidade. Aqui teriamos uma triade da contradição dialética entre o homem e a natureza. A natureza transformada em um mundo social. Mesmo na agricultura, o que você faz é transformar a natureza em um mundo agrícola. A relação com a natureza no campo é um pouco diferente da relação com a natureza na cidade. Mas, nessa minha teoria, a cidade é eminentemente produto do trabalho.

Costumo mostrar para os meus alunos painéis fabulosos de transformação da cidade, desde a cidade mais próxima da natureza até a cidade que no último painel vira só circulação, o espaço abstrato, ou seja, o processo de transformação do espaço. E eu pergunto para os alunos: "Vocês estão vendo essa árvore circunscrita por essas pedrinhas? Isso é trabalho." A cidade é uma obra social que não nega a natureza, mas se cria a partir dela e com ela. Tudo na cidade é produto do trabalho. A cidade é produto do trabalho.

Nesse sentido, quando trabalhamos com a ideia de que as pessoas não moram onde querem, mas sim numa relação entre renda e preço do metro quadrado da terra, estamos dizendo que esse preço tem como fundamento, porque preço é uma forma, um processo de produção de trabalho social. O que significa dizer que não existe renda da terra urbana.

Aí chego ao problema com a geografia: os marxistas trabalham com renda da terra urbana. Se a cidade é produto do movimento de um processo de produção do mundo social a partir da relação de trabalho com a natureza, a cidade é outra coisa, diferente do campo. A teoria de Marx de renda da terra funciona para a terra, porque no agrário a terra é o pressuposto da produção. O próprio Marx, num dos capítulos sobre a renda, acho que é o capítulo 42, ele sinaliza na direção de que quando o arrendatário constrói na terra, fazendo qualquer melhoria na terra, quando ele for alugar de novo, ele vai alugar mais caro. Mas ele não entra no debate sobre o que vem a ser aquilo que aumenta a renda do dono da terra. Esse debate, eu estou fazendo.

Por que um lugar é mais caro que outro? Porque ele tem mais trabalho acumulado. O que entendemos por infraestrutura senão trabalho? Quando você pega um bairro de São Paulo mais caro que outro, ele tem água, luz, esgoto, fibra óptica, escola, hospital, toda a infraestrutura para uma vida. Compare o Alto de Pinheiros com um bairro da Zona Leste: na periferia de São Paulo se vive 23 anos a menos do que no Alto de Pinheiros. O preço do metro quadrado na periferia é muito menor porque não tem o trabalho acumulado esta desigualmente distribuido na cidade.

É claro que existe o espaço de monopólio, cujo preço está acima do valor por conta das representações e valores associados a um bairro. Hoje em dia o verde virou uma mercadoria importante no momento em que se destrói a natureza, não sei se vocês estão vendo que estão destruindo a lapa, estar próximo de área verde é importante nesse movimento do preço do metro quadrado. Mas a substância do preço é o valor.

Mesmo meus orientandos falam em renda da terra e processo de valorização e aceitam a ideia de renda da terra urbana, e eu aceito, não posso impor, eu ensino. O que me impressiona é que ninguém resolveu dizer que isso é bobagem e entrar nesse debate. Por que ninguém entrou? Seria tão desimportante? Acho que não, porque essa seria a grande contribuição da geografia para pensar o mundo moderno e enfrentar o debate com arquitetos e economistas que falam em renda da terra com a maior tranquilidade, negando o próprio Marx.

BLOCO 4 — Da dissertação de mestrado ao doutorado: espaço, reprodução e Lefebvre

[Thell Rodrigues - BPG]: Aproveitando o gancho do tema da renda da terra, que a gente também pensou em abordar, mas você já adiantou, gostaria de explorar a passagem entre o mestrado e o doutorado. No mestrado, você fala em "espaço geográfico"; no doutorado, você abandona a adjetivação "geográfico". Há também uma abordagem teórica no mestrado muito centrada no livro 1 do Capital e na Ideologia Alemã, me corrija se estiver errado. E na tese há uma profundidade teórica maior, com a noção de produção muito vinculada à ideia de reprodução e reprodução da relação social, não apenas a reprodução do Capital, mas da prática social. Aí começa a aparecer a amarra entre o início do livro 1 do Capital e a fórmula trinitária do livro 3.

Vejo também um movimento muito original que vocês fizeram no grupo do Martins: pegar o legado da geografia ativa, amarrá-lo ao marxismo, mas não ao marxismo dogmático que entrou com força na geografia nos anos 70, articulando com a herança do Lefebvre, com a noção de reprodução da vida privada e do cotidiano. É uma abordagem muito original, hoje consolidada na geografia. Mas eu fico imaginando o que foi aquilo nos anos 70 e 80. Inclusive, a Sandra Lencioni já comentou que vocês tinham debates com o Tonico [Antônio Carlos Robert Moraes] e o Wanderley Messias da Costa. Se você puder contar como foi essa inserção marxista e lefebvriana nos departamentos, nos congressos, porque apesar de hoje estar consolidado, imagino que houve resistência.

[Ana Fani]: É muito complexa a sua pergunta. Vamos ver se lembro de tudo e você vai perguntando.

Para antecipar: toda a construção da minha dissertação de mestrado e do meu doutorado se faz a partir da obra de Marx, dialogando com suas ideias e debruçando-me sobre seu método. Só fui conhecer o Lefebvre depois de terminar o doutorado, foi um conhecimento atrasado, para mim.

Quando começamos a ler o Capital, não era só o volume 1. Quando terminei o mestrado, já tinha lido todo o Capital. Mas eu tinha que dar conta do espaço. O que é o espaço? Porque eu comecei a ler Marx mas o problema do espaço estava na minha cabeça. Passei alguns anos chegando de manhã e saindo de noite da biblioteca das Ciências Sociais, que era muito mais acolhedora do que a biblioteca da geografia. Tinha uma bibliotecária, cujo nome esqueci, que era uma doçura e me ajudava a achar os livros.

No método dialético, o ponto de partida nunca é muito claro, você vai investigando aqui e ali, abre uma porta de entrada para a investigação tendo como categoria central a produção do espaço. Fui na biblioteca procurar esse elo. Cheguei a ler o Einstein e outros filósofos, inclusive, tentando entender o que é o espaço. Foram dois anos de leitura sobre o espaço enquanto começava a ler Marx. E fui encontrar no Marx as perguntas que não achei no Einstein e nos outros autores. A ideia de refletir com ele o movimento do processo de produção na sociedade deixava muito a pensar.

Eu e a Sandra escrevemos o primeiro texto sobre espaço-mercadoria no Borrador, publicado pela AGB São Paulo. Nossa história se associa muito à AGB. O Tonico e o Wanderley também escreveram sobre espaço-mercadoria. E o Armando Corrêa da Silva era um grande animador desse debate marxista no departamento. Quem estava no debate? Tonico, Wanderley, eu e a Sandra porque os quatro entramos no departamento juntos. Eu e o Tonico no primeiro concurso, depois a Sandra, depois o Wanderley. E os quatro começaram a trabalhar sobre isso.

Os dois, Tonico e Wanderley, escreveram um livro e eu e a Sandra escrevemos alguns textos sobre o caminho dessa construção teórica. O Armando era orientador dos dois. Havia uma certa rivalidade entre a gente, mas um dia alguém propôs: "Vamos estudar os quatro juntos." A Sandra comprou um caderno, sempre organizada, e os quatro se reuniram na nossa sala, porque eu e a Sandra dividíamos uma sala, e discutíamos o que estavamos pensando e fazendo. O Armando era um baita incentivador. Éramos todos mestrandos, jovenzinhos, querendo construir uma teoria. Claro que o Engels, numa idade próxima à nossa tinha escrito aquele fabuloso livro sobre a situação da classe trabalhadora na Inglaterra. Mas o problema era construir a geografia. E nesse movimento, o Armando chamava reuniões na AGB e a gente falava em público, trabalhávamos muito com a AGB. Eu até fiz parte da diretoria da AGB, fiquei muito tempo na sessão de intercâmbio. A Sandra foi secretária da AGB durante anos. Era lá que o debate corria mais aberto.

Outra questão que nos colocávamos era o debate sobre o conceito de formação econômica e social. Na época, o Francisco de Oliveira, no Elegia para uma re(li)gião, escreveu sobre a existência de uma formação econômica e social nordestina; o Milton Santos defendia uma formação econômica e social brasileira. E a gente questionava: será que existiria, mesmo, uma formação brasileira e nordestina?.

E aí nós duas escrevemos um texto entendendo que, como categoria central do materialismo dialético, a formação econômica e social dizia respeito ao modo de produção. Ela qualificava o modo de produção. Inclusive, permitia pensar no que poderia se desdobrar, como o debate sobre a desigualdade. O Lênin escreve sobre o desenvolvimento desigual. Para entender o desenvolvimento desigual, a categoria de formação econômica e social tinha que ser do modo de produção capitalista.

[Gabriel Alves - BPG]: Esse é o texto do Trotsky, se não me engano.

[Karen Rezende - BPG]: É do Trotsky, e o Lênin também desenvolve.

[Ana Fani]: Publicamos na AGB, no Borrador. Acho que os dois textos estão no Borrador. E uma vez encontrei o Milton Santos no corredor, com quem eu brigava bastante, e era maravilhoso debater com ele, e ele disse: "Fani, estou discutindo o texto seu e da Sandra junto com o meu, com os alunos da pós-graduação." Porque ele pensava de um jeito e a gente pensava de outro.

Bem, continuando sobre os quatro trabalhando juntos: chega um dia o Armando e diz: "Está na hora de a gente trazer o debate da dialética para a geografia. Vamos fazer um seminário chamado 'Geografia e Dialética'." Acho que foi em 84. E fizemos. No Rio de Janeiro. E o Wanderlei completou: "No Rio de Janeiro, porque lá é muito bonito, a gente vai viajar." Mas como eramos paulistas, nós marcamos o seminário para o fim de semana - sexta, sábado e domingo. Fomos pro rio com o espírito do paulista e sequer chegamos próximos ao mar. Fomos só para trabalhar!!!. Eu me lembro de chegar nesse seminário com um calor. E a gente foi lá, debatemos, mostrou o debate que fazíamos sobre geografia e dialética. Infelizmente não conseguimos publicar os resultados, eu tenho ainda o meu texto. Seria muito importante ter como registro esse debate. Estava todo o pessoal do Rio de Janeiro: Ruy Moreira, Carlos Walter Porto-Gonçalves, que eram pessoas extremamente importantes. Você tinha no Rio de Janeiro esses dois, e em São Paulo o Ariovaldo Umbelino de Oliveira. Eram um tripé importante da renovação da geografia. A gente convivia com o Ariovaldo, um grande inspirador. E o Ruy e o Carlos Walter eram um pouco mais velhos, a gente os lia e debatia com eles.

Na sequência, fomos convidados, eu não sei quem foram os loucos que convidaram o Tonico, eu, a Sandra e o Armando, para uma mesa da AGB na PUC do Rio de Janeiro. essa proeza foi

imortalizada numa foto. Essa fotografia é famosíssima, temos uma fotografia juntos. A gente teve que encarar, na primeira fileira, Pedro Pinchas Geiger, Fany Davidovich, outros professores. A gente olhava para eles: "Quem somos nós para falar para esses caras?" A mesma coisa aconteceu pouco tempo depois num congresso da AGB em São Paulo, num prédio da Poli tive que apresentar minha reflexão cara a cara com o Milton Santos, na primeira fileira. "Meu Deus, que coisa maluca". Tem esses lances que dão uma adrenalina, como você vai apresentar alguma coisa na frente do Milton Santos? Enfim, éramos jovens, falamos, falamos, falamos e foi a nossa primeira grande apresentação.

Naquela época, a gente não tinha a pressão da competição produtivista. A minha geração pôde estudar antes de participar de um evento, para não falar obviedades. O que para quem está começando parece teoria pura, no plano do pensamento pode parecer óbvio. Quando a gente começou a falar, já tinha pensado, estudado, lido, arrancado os cabelos. Tem esse movimento todo, que foi muito importante. Eu e a Sandra seguimos, e eu debatia muito com o Wanderley, a gente se encontrava todos os dias na minha sala para conversar. Eu era muito próxima dele e, claro, da Sandra. Porque é sempre a Sandra, a gente construiu a nossa trajetória na geografia juntas.

Eu particularmente trazia a obsessão de compreender o que era "o espaço geográfico".O que tem me acompanhado ao da minha trajetória, porque quando o conceito de espaço produzido ganha centralidade na compreensão do mundo, o caminho deve ser reconstruído a partir dessa tese, Foi nesse processo que eu construí uma teoria sobre o espaço. Comecei a perceber que não se trata de um espaço da geografia: é um conceito que ganha centralidade na compreensão do mundo, liberando o espaço de ser de uma disciplina para ser a possibilidade de articulação do conhecimento. Quando você fala em produção do espaço, você chama atenção para o fato de que essa categoria de análise não é de uma disciplina, ela pertence a totalidade social que orienta o movimento do ato que compreende.

E aqui quero fazer um parêntese importante: tudo isso que estou falando para vocês é uma produção da geografia uspiana. Todo esse debate é uspiano. Comecei a falar em produção do espaço a partir do diálogo com Marx. Minha dissertação de mestrado é a primeira a realizar esse debate de construção em 1978. Vocês devem conhecer o artigo do Armando Corrêa da Silva sobre esse período, está no BPG ele fala sobre esse periodo aqui na USP e sobre nossas conquistas. A produção do espaço era o caminho a ser seguido, era a categoria central de análise que estávamos trabalhando. Desde os anos 80, estou falando em produção do espaço. E por um problema de formação, só conheci o Lefebvre no final dos anos 80. Meu mestrado e o meu doutorado foram antes. Minha dissertação de mestrado foi defendida em 1978, momento em que o Lefebvre estava escrevendo *La production de l'espace* na França. É concomitante esse momento.

Portanto, nós estávamos falando em produção do espaço nesse mesmo período. E na minha tese de doutorado avanço nesse debate: na dissertação de mestrado está posta a descoberta de que o ato que produz o espaço é o ato que produz a vida, há, portanto, uma imanência entre produção do espaço e produção da vida. Na tese de doutorado desenvolvo um conceito: o espaço é condição, meio e produto da reprodução social. A produção do espaço é condição e produto da reprodução social do mundo. Há um avanço: como ele é condição, como é meio, como é produto desse processo de reprodução.

Acontece que, para o resto do Brasil, e aí está o problema, que reside no processo de colonização foi produzir o auto-colonizado brasileiro, as pessoas leem autores estrangeiros e conseguem descrever os suspiros do Harvey, mas não leem a produção brasileira. Há poucos anos, num evento na PUC do Rio, um colega português em sua apresentação afirmou que "Lefebvre trouxe para a geografia a produção do espaço." Aí um professor brasileiro, sentado lá, concordou: "É verdade, o Lefebvre trouxe para a geografia a produção do espaço." Levantei e falei: "Vocês não leem a produção uspiana, porque estamos falamos em produção do espaço desde os anos 80. No caso da minha tese, desde 1978". Portanto, quem trouxe para a geografia o conceito de produção do espaço foi a geografia uspiana. E o Brasil não sabe disso, porque nunca leu, mas sabem o que se publica no exterior.

Esse é um parênteses que eu acho importante fazer porque mais do que um colega meu abrir a boca em congressos para dizer que o Lefebvre trouxe para a geografia o conceito de produção do espaço, o que não é verdade, existe toda uma produção. Sandra e eu escrevemos em 1982 não só sobre a produção do espaço, mas sobre o fato de que, sob o capitalismo, essa produção do espaço se transforma em mercadoria. Está publicado e, como a gente só cita o que está publicado, portanto, pelo menos desde 1982, estamos falando sobre isso.

O Tonico fez uma crítica ao nosso texto, dizendo que estávamos muito apoiadas no livro 1 do Capital. Pode ser, acho que a gente estava muito influenciadas pelos debates que a gente fazia sobre o livro 1. Mas depois que a gente leu o Capital, lemos um livro ainda mais importante: os *Grundrisse*. A gente gosta mais dos *Grundrisse*. É um livro fabuloso. Lembro que no curso do Martins fiz um trabalho sobre a noção de reprodução nos *Grundrisse*. Nunca publiquei, o texto está lá, pequeno, mas mostra como aparece nos *Grundrisse* a noção de reprodução.

No departamento, aconteceu o seguinte: éramos taxados de não fazer geografia. Diziam que a gente fazia sociologia. Diziam que éramos orientandos do Martins, o que é correto, porque nos formamos com o Martins, com o estímulo dele, com as análises que ele fazia dos livros, fazendo seminários.

Como eram as aulas do Martins? Eu faço isso na minha pós-graduação e os alunos gostam. No primeiro dia de aula, ele dividia as leituras de um livro inteiro em um semestre e era uma leitura grande. Dividia a sala em grupos, cada grupo escolhia qual seminário queria apresentar, e a aula era dada por esse grupo, que coordenava os debates. O Martins só assistia e, no final, fazia aquele fechamento glorioso, estimulante, aquela síntese. Então o curso do Martins era uma agitação. Ficamos todos muito amigos, saíamos do curso e íamos almoçar no Clube dos Professores continuando o debate.

O seminário do Martins, sem medo de exagerar, mobilizou a minha vida por 18 anos. Entrei no primeiro ano e saí no décimo oitavo. Ao longo desses 18 anos teve gente que entrou e saiu. Em 1992, o Martins chegou para a gente e falou: "Olha, nós já lemos O Capital duas vezes. Já lemos os Grundrisse. Lemos as Teorias da Mais-Valia. Menos os escritos históricos porque precisaríamos de um historiador para destrinchá-los. Mas lemos também a Miséria da Filosofia, enfim. Está na hora de ler um autor que prolongou o pensamento de Marx para o século XX. Essa pessoa chama-se Henri Lefebvre." Eu nunca tinha ouvido falar do Henri Lefebvre. As pessoas dizem que eu copiei o Lefebvre, na construção de minha teoria sobre a produção do espaço, mas eu só conheci o Lefebvre em 1992, por pura ignorância. Na minha trajetória, nunca havia cruzado com uma indicação desse autor, até aquele momento.

Com o Martins, do Lefebvre, lemos os escritos filosóficos, lemos a Sociologia de Marx, obras sobre Lenin, Lukács, Hegel, Marx e Nietzsche. Mas faltavam os textos sobre a cidade e o urbano, faltava ler sobre o cotidiano. E aí, nesse momento em que faltava ler o cotidiano, acabou o grupo. Martins disse: "Cheguei à conclusão de que preciso me dedicar à graduação. Vocês estão aqui comigo há 18 anos, já estão mais do que formados. O papel da universidade pública é formar os estudantes, então agora eu vou trabalhar na formação deles". O que era, na verdade, realmente muito correto.

Então a gente veio para a geografia: Sandra, eu, Amélia, Odette, Margarida, Aparecida e Tereza, embora algumas não tivessem continuado. A única que ficou os 18 anos fui eu. E viemos carentes de trazer o debate sobre a cidade, o urbano e o cotidiano para o laboratório de Geografia Urbana. O que fizemos? Amélia, Odette e eu demos um curso de pós-graduação sobre cotidiano, sobre a obra do Lefebvre. As três davam a aula, tinha uma carga bastante grande. E comecei a dar disciplinas na graduação sobre a obra do Lefebvre.

A esse respeito: uma vez o Martins escreveu ao Lefebvre perguntando sobre a obra. O Lefebvre respondeu a carta dizendo: "Meu trabalho é simples. Existem algumas questões que persigo em toda a minha obra, é disso que se trata." Lendo os livros sobre a cidade e o urbano, comecei a perceber que há conceitos e ideias que ele repete ao longo dos livros, mas não repete do mesmo jeito: repete superando, ampliando a ideia. Fiz uma análise desses momentos e na pós-

graduação eu trabalho com essa leitura: vamos ver o que ele escreveu aqui sobre esse tema, e o que ele escreveu ali sobre o mesmo tema. O meu curso é exatamente esse movimento da obra do Lefebvre. E nos colóquios a gente lê sempre o Lefebvre e um pouco do Marx, não dá pra encarar a obra inteira do Marx nos colóquios de pós-graduação porque é extenso.

Gosto especialmente do livro 2 do Capital, porque acho que ele ajuda a pensar os processos de acumulação como processos produtores do espaço. Quando todo mundo diz que Marx não trabalhou com espaço, eu digo: sim, trabalhou. No livro 2 do Capital há um debate sobre espaço que é exatamente o movimento que uso na minha tese de doutorado para discutir sobre Cotia.

[Thell Rodrigues - BPG]: E aí você pega o conceito de reprodução antes mesmo da aproximação com o Lefebvre, muito a partir do livro 2.

[Ana Fani]: Exato. Meu conhecimento se constrói em debate com a obra de Marx, primeiramente. Comecei a trabalhar com o Lefebvre nos anos 90, mas sempre com Marx como fundamento, porque para entender o Lefebvre, é preciso entender Marx. O Lefebvre supera Marx, mas "superar" no materialismo dialético significa elevar e levar adiante, não destruir. Meu ponto de partida sempre foi Marx, e depois o Lefebvre.

A construção sobre a produção do espaço é puramente um debate que faço com Marx. Porque nos Grundrisse você encontra o movimento que vai da noção de produção à noção de reprodução. A noção de produção para mim é muito importante porque ela tem dois sentidos: um sentido estrito, que é produzir mercadorias; e outro sentido mais amplo, que envolve a criação do própio homem, que vem acompanhada pela criação do conhecimento, e da civilização. Essa noção de produção é absolutamente central na obra de Marx para construirmos uma compreensão sobre o mundo que vivemos. O capitalismo domina processos de produção, mas quando Marx fala de processo de produção, ele não domina só o plano econômico da produção da mais-valia, ele domina a reprodução ampliada, que se dá na reprodução das relações sociais, na reprodução do conhecimento. Esse movimento da produção, que inclui o sentido estrito e o sentido amplo e se desdobra num processo de reprodução, é o que o Lefebvre vai ampliar para a noção de reprodução das relações sociais de produção. Traz consigo a necessidade de entender que o capital é uma relação social , não estritamente econômica.

A obra *La Survie du Capitalisme* é fundamental para entender esse movimento. O que está posto ali é, implicitamente, um debate com Rosa Luxemburgo sobre a acumulação. A acumulação do capital se realiza no ciclo do capital, mas o Lefebvre vai dizer: olha, uma das categorias do materialismo que é quantidade e qualidade. Ele diz que existe um movimento do

capitalismo que é quantitativo, ele cresceu, inundou o mundo de mercadorias. E há um lado qualitativo: ele mudou a vida, mudou o sentido de homem. Quando você lê o Capital, percebe que Marx define ali o nascimento de um novo homem no capitalismo. Eu também escrevi sobre isso, mas fica tudo guardado.

Quando o Marx está falando em reprodução, ele está dizendo que há um movimento. Que é o movimento do mundo de mercadorias. Que não é só o mundo do ciclo d'O Capital se reproduzindo, mas é o mundo da mercadoria como uma constituição reprodutora. Mas ele ainda não tinha todas as condições da história para descobrir que estavam sendo produzidas outras coisas capazes de permitir que o processo de acumulação acontecesse. Quando o Lefebvre constrói o movimento das reprodução das relações sociais de produção, na minha análise, ele está trazendo a noção de produção com esses níveis para um nível maior.

Então ele vai dizer o seguinte: para o capitalismo se reproduzir, não basta só a reprodução do ciclo do capital, porque esse ciclo provoca a tendência de queda da taxa de lucro, que é uma contradição no desenvolvimento do próprio capitalismo. Então, em determinado momento da história, essa tendência da queda da taxa de lucro entra em crise e o capitalismo tem que procurar novas áreas para se reproduzir. O Lefebvre vai dizer: onde o capital se reproduz na modernidade? Através da cidade, do cotidiano e da produção do espaço. Sendo que a produção do espaço é, segundo minha interpretação, o terceiro termo dessa relação. Estou escrevendo sobre isso agora, para entender a cidade e o urbano, estou construindo uma tríade como atualização da obra de Lefebvre para a compreensão do século XXI: onde o primeiro termo é o cotidiano, o segundo o urbano e a produção do espaço terceiro elemento da tríade tendo a produção do espaço como o terceiro elemento, aquele que supera realizando os outros dois termos. Portanto, a acumulação não está mais no ciclo. Daí o debate não feito com a Rosa Luxemburgo onde o processo de acumulação é econômico dentro do ciclo. Na realidade, o capital não é economia. Marx define o capital como uma relação social. A obra de Marx não é de economia: é economia, é política, trabalha com o conhecimento de forma geral.

Voltando à geografia: quando Marx entra na história da disciplina, nos anos 70, há um questionamento sobre a geografia, que seria que ela não teria uma teoria capaz de explicar o mundo, ficava muito no plano da paisagem, no plano fenomenológico. Era preciso fazer da geografia uma ciência capaz de compreender a realidade que se vive. Qual foi o "instrumento" capaz de mobilizar a geografia para solucionar uma crise de uma disciplina que não explicava o mundo? Nós carregamos até hoje esse estigma de uma ciência que ficou na fase da descrição e que é desimportante no mundo moderno. Até hoje existe esse preconceito com a geografia de achar que a gente ainda está nos anos 50, descrevendo. O que acontece é que a geografia que surge nesse momento, surge via materialismo histórico, não o dialético, trabalhando menos com as contradições, mas produzindo uma teoria potente sobre a realidade.

Nos anos 80, começa-se a pensar os movimentos sociais. É importante a obra da Arlete Moysés Rodrigues sobre esse tema. E existe também um problema de pensar o homem apenas como trabalhador. Há uma redução. Enquanto também surge uma forte geografia econômica presa ao economicismo, em que o homem é um fator econômico. Era preciso dar um passo adiante e mostrar que o homem não é só um trabalhador, mas sim um ser por inteiro. Entra um pouco de ontologia nisso em pensar um homem como um ser criativo, *poiético*. O pessoal diz assim: "Fani agora entrou na ontologia", mas é preciso pensar o ser humano como um ser criativo! Isso está em Marx, aparece também no Lefebvre, não tem porque não pensar nessa direção. Aqui o conceito de *poiético* é importante nesse sentido, porque ele não é só um trabalhador. Porque através do seu trabalho ele pode ser outra coisa, ele se transforma num homem de desejos, não só de necessidades. Ele cria um mundo à sua semelhança. O debate sobre alienação se atualiza pelo debate da cidade: a cidade produzida como exterioridade é o modo como a alienação se atualiza no mundo moderno.

Então o marxismo entrou na geografia com uma geografia econômica forte, com uma geografia sobre movimentos sociais, com um debate com o positivismo, mas ela parou. O Aziz Ab'Sáber, uma vez, numa conferência, disse: "A geografia descobriu o espaço-mercadoria", e eu completo: "e perdeu, porque hoje se discute turismo sem chegar perto da produção de espaço como mercadoria." O turismo atualiza hoje a produção de espaço como mercadoria. Então esse é o movimento da geografia.

Como acontece nos congressos? Com o maior preconceito. A geografia crítica brasileira hoje é residual. Ela foi muito forte e viva nos anos 70, mas nos anos 80 há um declínio. Ela acaba ficando como o negativo da geografia oficial e hegemônica no Brasil, que hoje é cada vez mais cultural e cada vez menos voltada para o debate sobre a raiz e os fundamentos da desigualdade. É um momento em que a desigualdade espacial como categoria fundamental é ignorada, em que o debate sobre a produção do espaço é relativizado. Então é uma geografia que perdeu força e potência na compreensão da realidade brasileira. Então você tem hoje uma geografia muito subdividida em campos, tem a geografia de tudo. Uma das últimas é a geografia do afeto, que se articula uma política pública. O que é bastante questionável. Você perde a dimensão da realidade como totalidade social. Com a geografia esfacelada como está, estamos perdendo a totalidade social explicativa da realidade brasileira.

BLOCO 5 — Balanço do marxismo na geografia no século XXI

[Thell Rodrigues - BPG]: Uma questão sobre isso. Na entrevista para o Scarim, por volta de 2000, quando ele te pede para reconstituir a geografia crítica, você diz: "Não está em crise, mas há um momento crítico." Depois, num texto para uma revista de Barcelona de 2008 ou 2009, você já fala em crise da geografia e crise da geografia

marxista. Em 2018, na introdução do dossiê dos 40 anos da geografia crítica, você fala em um momento de refluxo no qual o debate teórico e o marxismo aparecem envolvidos em "nuvens de preconceito", expressão que você usa. Como você faz esse balanço agora, no século XXI? Como está o marxismo nas publicações, nas disciplinas, no departamento, na AGB, nas instituições de Estado? Como você vê essa articulação entre geografia e marxismo hoje?

[Ana Fani]: Para entender esse movimento, há um pressuposto: o modo como a investigação está acontecendo no Brasil. Eu escrevi um manifesto contra o produtivismo, sozinha, que eu mesma assino. O modo como se investiga no Brasil, principalmente na pós-graduação está atravessado pela utilidade. A utilidade como conceito mesmo. Você escreve para alguma coisa. Dois problemas: um do pensamento mais conservador, outro do pensamento de esquerda.

O que acontece no pensamento positivista da geografia? Se o dinheiro da pós-graduação vem da CAPES, é porque as universidades resolveram abdicar da pós-graduação, entregando-a nas mãos da CAPES, uma instituição exterior à universidade. Essa instituição passou a dizer para a universidade como ela deve investigar. Então os programas de pós-graduação e a investigação brasileira entraram na lógica de: quanto mais produzo, quanto mais publico, quanto mais apresento trabalhos em congressos, mais currículo tenho, portanto, sou melhor. O que percebemos nos congressos e nas reuniões pelo Brasil inteiro é a falta de debate: as pessoas vão lá para apresentar trabalhos e ir embora.

Lembro de um congresso, acho que o EGAL, em 2008, em que estávamos numa mesa com Rogério Haesbaert, eu e Dirce Suertegaray. O auditório era um mar de gente. Quando terminamos de falar e ia começar o debate, o mediador teve que parar e ficamos esperamos mais de cinco minutos a sala esvaziar, porque ninguém estava interessado no debate. Esse exemplo é sintomático de como o debate no Brasil não está acontecendo. E não raro você está numa mesa e alguém diz: "Professor, preciso apresentar logo porque estou numa outra mesa." Vai lá para colocar no Lattes, não para aprender, não para debater. O debate virou competição.

Qual a conclusão? A geografia vai perdendo sua potência na medida em que abdica de habitar o tempo lento da investigação, da pesquisa e do pensamento para produzir rapidamente.

No campo da esquerda está acontecendo algo com quase o mesmo conteúdo. Nós vivemos uma realidade profundamente desigual, a barbárie das condições de vida da sociedade brasileira. No século XXI ainda falar em fome mostra o grau da nossa civilização, da nossa sociedade. Estamos vivendo problemas emergenciais. Diante dessa urgência, somos convocados a agir. Surge então o debate de que os marxistas só pensam, não agem. Argumento recorrente em autores importantes, como Nancy Fraser, como Soja. Portanto, é preciso

abandonar o marxismo porque precisamos agir. Fala-se muito em justiça espacial, principalmente na América Latina. Diante dessa crise, temos que decidir.

O problema é: quando você decide, você só pode projetar e transformar se antes você construir um forte conhecimento sobre aquilo que produz a barbárie. A emergência criou um pragmatismo: é aqui e agora. E aí fica "Esses teóricos falando de Marx e Lefebvre não estão com nada, porque eles estão teorizando, não estão mudando o mundo, os que estão mudando o mundo estão fazendo política pública". Mas ao fazer política pública, vivemos o presente, e a tragédia que estamos vivendo é a perda do futuro. Do meu ponto de vista, essa é a maior tragédia brasileira: caídos no pragmatismo, precisamos agir aqui e agora, estamos perdendo o futuro.

Exemplo: o Lefebvre construiu um conceito de direito à cidade. Se mergulharmos na obra do Lefebvre, porque você não pode ler um pedaço do livro e achar e entendeu ele, se você pegar o modo com que ele constrói o conceito de direito à cidade, para ele o direito à cidade é utopia. O que acontece nas leituras lefebvrianas? "Vamos pegar o direito à cidade para transformar em política pública." O pessoal da arquitetura faz isso. Pega o conceito, transforma numa bandeira de luta e vai lutar pelo direito à cidade. Ao fazer isso, cai nas mãos do Estado. Ao invés da investigação caminhar na direção da destruição do Estado, caminha para o seu fortalecimento. Portanto, enquanto ciência, acaba agindo como fator reprodutor do capital. É isso que está acontecendo na geografia e não só nela, como trabalho com o urbano vejo isso em outros lugares. Então você tem nos congressos essas duas coisas.

E tem também o culturalismo, a narrativa identitária. A narrativa identitária é o esfacelamento da totalidade social. Está produzindo um não-conhecimento, isso radicalmente, falando do ponto de vista marxista, é a destruição da potência de qualquer produção de conhecimento que tenha como compromisso mudar o mundo. Uma coisa é plantar uma iniciativa pontual achando que ali se resolve o problema. Outra coisa é mudar o mundo. Vai mudar o mundo agora? Óbvio que não. Mas é preciso projetar e caminhar na direção de uma outra sociedade. É preciso projetar um projeto que mude o mundo, é o caminho, não a finalidade. O fim, em Marx, é importante: é a utopia realizada, o fim da alienação.

BLOCO 6 — Perspectivas futuras: a metageografia

[Karen Rezende - BPG]: Professora, num texto recente de 2023, você apresenta horizontes para uma geografia crítica radical. Reúne várias coisas que citou aqui, principalmente a produção em Marx e no Lefebvre, e coloca a sua formulação do espaço como condição, meio e produto. Uma coisa muito importante que você coloca como horizonte metodológico é a metageografia como uma crítica à própria geografia. A

impressão que temos é que essa aposta aponta para um futuro de uma geografia crítica e, sobretudo, uma necessidade de repensar as categorias de análise a partir do materialismo dialético como forma de superação. Como você enxerga esse movimento? O que significa a metageografia nessa perspectiva de futuro?

[Ana Fani]: A palavra "meta" quer dizer superação. Porque quando falamos de Geografia Crítica e Radical, tanto crítica, quanto radical, são movimentos da própria filosofia. É uma questão de método. Então a ideia da metageografia vem do fato de que você está falando sobre a própria disciplina, por isso inventei esse termo.

O que penso como metageografia é a produção de uma geografia como um conhecimento potente do mundo que dê centralidade ao conceito de produção social do espaço. Esse é o ponto central. Isso vem acompanhado de uma estratégia: o questionamento de uma ciência que fica no plano da superficialidade, sem a realização de um conhecimento calcado numa teoria com mobilização de categorias de análise, como produção e reprodução, para além daquelas que são típicas da geografia, como o território. Na realidade, na geografia se fala muito pouco de espaço, só falam de território. Do meu ponto de vista, o conceito de espaço produzido é muito mais amplo do que a categoria de território, com a sua forte tradição política associada ao Estado. O espaço é uma categoria mais ampla, mais potente, que tem um domínio da totalidade que, do meu ponto de vista, o território não teria.

A metageografia necessariamente tem que ser crítica no sentido de ir à raiz daquilo que entendemos como desigualdade. Hoje em dia todo mundo fala em desigualdade, mas é desigualdade e ninguém trabalha com seus fundamentos. Se essa desigualdade não preciso desvendar seus fundamentos. Do mesmo modo, é preciso desvendar o que é o projeto da sustentabilidade. O que é sustentabilidade? Ela está associada a uma estrutura, a inteligibilidade sistêmica onde tudo se resolve por dentro dele. Portanto, a sustentabilidade hoje é acreditar na missão civilizatória do capital: vamos arrumar as coisas para ficarem melhor, mas dentro e fortalecendo uma estrutura capitalista.

O que coloco como metageografia é fazer uma crítica aos fundamentos da desigualdade, projetando um outro futuro que não seja nem capitalista, nem que se resolva por dentro do Estado. A ideia de "comum" é muito complicada. Não se trata de projetar o comum, mas de projetar uma outra sociedade como totalidade social em movimento, que projeta um futuro onde a não-alienação esteja posta como projeto orientando o futuro. E para isso é necessário compreender quais são as situações que produzem essa alienação.

E existem muitos marxismos. Enquanto não entendermos essa sociedade como um todo desigual e contraditória, não podemos projetar o futuro. E o que está acontecendo é o

esfacelamento das possibilidades da investigação científica. Nesse sentido, aponto o pensamento crítico como residual. E, do meu ponto de vista, a geografia está em crise, porque o modo de se investigar agora está nas mãos das instituições de fomento à pesquisa.

Assisti uma reunião de pós-graduação no nosso anfiteatro que foi chocante: os estudantes queriam saber como conseguir bolsa. Claro, estamos vivendo uma precariedade. Mas transformar uma reunião de pós-graduação em um simples "como monto meu pedido de bolsas" não dá. Chamar o coordenador da CAPES não para discutir qual é a política para a geografia, mas para discutir como montar relatório para ganhar nota, não dá.

A geografia está quase no fundo do poço: trabalhando com narrativas identitárias, com fragmentos do mundo, sem entender o Brasil e, portanto, sem projeto de mudança. Estamos presos nesses focos de análise. É preciso discutir o que nós queremos da geografia, esse é um debate importante. Qual é a nossa responsabilidade social enquanto geógrafos?

ENCERRAMENTO

[Gabriel Alves - BPG]: Professora, obrigado pelo tempo. É sempre uma honra poder te ouvir. A gente tem outros relatos e muito material, tanto o que você produz quanto a respeito de você. Mas justamente por estarmos vivendo essa crise da geografia e essa crise da investigação, a urgência acaba gritando mais alto. E acho que não se trata de culpabilizar os alunos que estão tendo que se colocar nessa situação. Mas a necessidade de nos reunirmos para refletir e debater é o que move tudo isso. Esse momento aqui é um incentivo para a gente continuar. Muito obrigado por se dispor.

[Ana Fani]: Gostei muito das leituras que fizeram sobre os meus trabalhos. Vocês podiam escrever sobre isso, foi uma análise muito séria. Queria que fosse publicado junto. E já que falaram que têm espaço para notas, vou pegar meu texto e dar para vocês publicarem, como testemunho de uma época, não vou reformular nada.

[Thell Rodrigues]: Então, professora, a primeira coisa é agradecer em nome da AGB São Paulo, do BPG. Um comentário: concordo muito que a geografia marxista está em crise, e está em crise num momento muito crítico.

[Ana Fani]: Mas ainda existe.

[Thell Rodrigues]: Mas ainda existe.

[Ana Fani]: E é forte. O fato de estar em crise não quer dizer que não existe. Ela existe e está aí berrando.

[Thell Rodrigues]: Exatamente. O nosso dossiê é uma tentativa de retomar isso, de disputar os espaços dentro da geografia, em termos de construção, de retomar uma radicalidade teórica na geografia. E a gente fez questão de fazer essa conversa com você não só para amarrar essa parte biográfica e teórica, mas para que isso inspire outras pessoas na geografia. Não só o que você fez, mas o que ainda faz pela geografia, é o que nos motiva, motiva muito as nossas construções teóricas e de pesquisa.

[Ana Fani]: Eu reclamei, com o Igor, porque não pude fazer antes, acho que tem que escrever. Não tem que ter só este dossiê. A AGB tem que ser a ponta de lança desse debate, ela sempre esteve à frente dos debates sobre a geografia brasileira, porque ela não está presa a nenhuma instituição de fomento. Enquanto não estiver presa, a AGB é o lugar desse debate. Sempre achei.

[Thell Rodrigues]: A AGB também está em disputa, existem várias correntes teóricas dentro dela. Mas o nosso posicionamento aqui em São Paulo, agora, é esse: construir uma geografia muito inspirada pela tradição marxista, pelas discussões do Labur, e disputar a AGB também.

[Ana Fani]: Tem que disputar mesmo. O BPG é uma publicação muito importante. Trabalhei no setor de intercâmbio por muitos anos, na época dos papéis. Ter uma publicação em São Paulo, da AGB, é importante. Vamos abrir espaço para essa geografia. Porque a outra todo mundo conhece. Essa, existe um preconceito, ninguém quer ouvir, porque a teoria demora muito tempo para fazer. E eu preciso publicar 20 artigos por ano. Tem gente que publica 20, 30, 50 em 2 ou 3 anos.

O programa de pós-graduação da USP é o único em que o orientador não publica com o orientando. Nos outros programas do Brasil, você olha o currículo de alguém pedindo bolsa de produtividade e tem um monte de publicações, nenhuma sozinho. Uma pessoa faz pesquisa e não consegue publicar sozinha? Isso é um sintoma grave da crise da geografia. Não conseguem mais pensar sozinhos. Ou pior, não quero crer, usam isso para aumentar a publicação. Usar o orientando para fazer o próprio currículo é um problema ético. O Brasil está vivendo um problema de ética e o projeto marxista contempla uma ética que precisa ser levada em conta. E essa prática tem que acabar na geografia.

Como citar esta entrevista:

RODRIGUES, Thell; ALVES, Gabriel Souza; SANTOS, Karen Yasmin Rezende. Entrevista com Ana Fani Alessandri Carlos**. Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, v. 116, p. 12-44, 2026. DOI: https://doi.org/10.61636/kpgj7q30

Sobre a entrevistada: Ana Fani é professora Emérita da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH-USP), onde também atua como Professora Titular Sênior do Departamento de Geografia e docente da Pós-Graduação em Geografia Humana. Graduada, mestre, doutora e livre-docente pela USP, realizou pós-doutorado na Universidade de Paris VII e atuou como professora convidada em diversas instituições da América Latina e Europa. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (nível 1A). Fundadora da revista GEOUSP: Espaço e Tempo, coordena o Grupo de Estudos sobre São Paulo (GESP) e o Grupo de Teoria Urbana Crítica do IEA-USP, além de liderar convênios internacionais de pesquisa. Autora e organizadora de obras de referência na Geografia Humana — como Espaço-tempo na metrópole (Menção Honrosa no Prêmio Jabuti) e A cidade —, foi agraciada com o Prêmio Internacional de Geocrítica (Universidade de Barcelona) e o Prêmio Manuel Correia de Andrade (ANPEGE). Suas pesquisas fundamentam uma teoria crítica sobre a produção social do espaço urbano, articulando segregação socioespacial, direito à cidade e a tríade urgência-direito-utopia.

Sobre os entrevistadores

Thell Rodrigues: Doutorando e mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP) e licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente, é professor no Centro Paula Souza e Coordenador da Base Nacional Comum Curricular da Etec Cepam. Integra a diretoria da AGB Seção Local São Paulo (gestão 2026-2028) como Coordenador de Publicações, sendo Editor-Geral do Boletim Paulista de Geografia (Qualis A1). Atualmente é Representante Discente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE) Gestão 2026 e 2027. As pesquisas concentram-se em Geografia Econômica, Geografia Regional e Geografia Histórica, com destaque para a exploração mineral em Minas Gerais, analisada a partir de um enfoque crítico na modernização e na crise da reprodução social capitalista.

Gabriel Souza Alves: Mestre em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e doutorando em Geografia Humana pela USP. Atualmente realiza seu período sanduíche na Innsbruck Universität (UIBK), participando do Arbeitsgruppe Glokale Entwicklung und Nachhaltigkeitsforschung (AGEF) e do GESP (Grupo de Geografia Urbana Crítica Radical).

Karen Yasmin Rezende Santos: Graduanda em Geografia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Pesquisadora em nível de Iniciação Científica, na área de Geografia Urbana, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Integra a atual diretoria da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local São Paulo, como parte do coletivo de divulgação. Faz parte do grupo de pesquisa Limiares (Limites da Acumulação e Reprodução do Espaço), vinculado ao Laboratório de Geografia Urbana (Labur).

Editoração:
Thell Rodrigues
Igor Carlos Feitosa Alencar